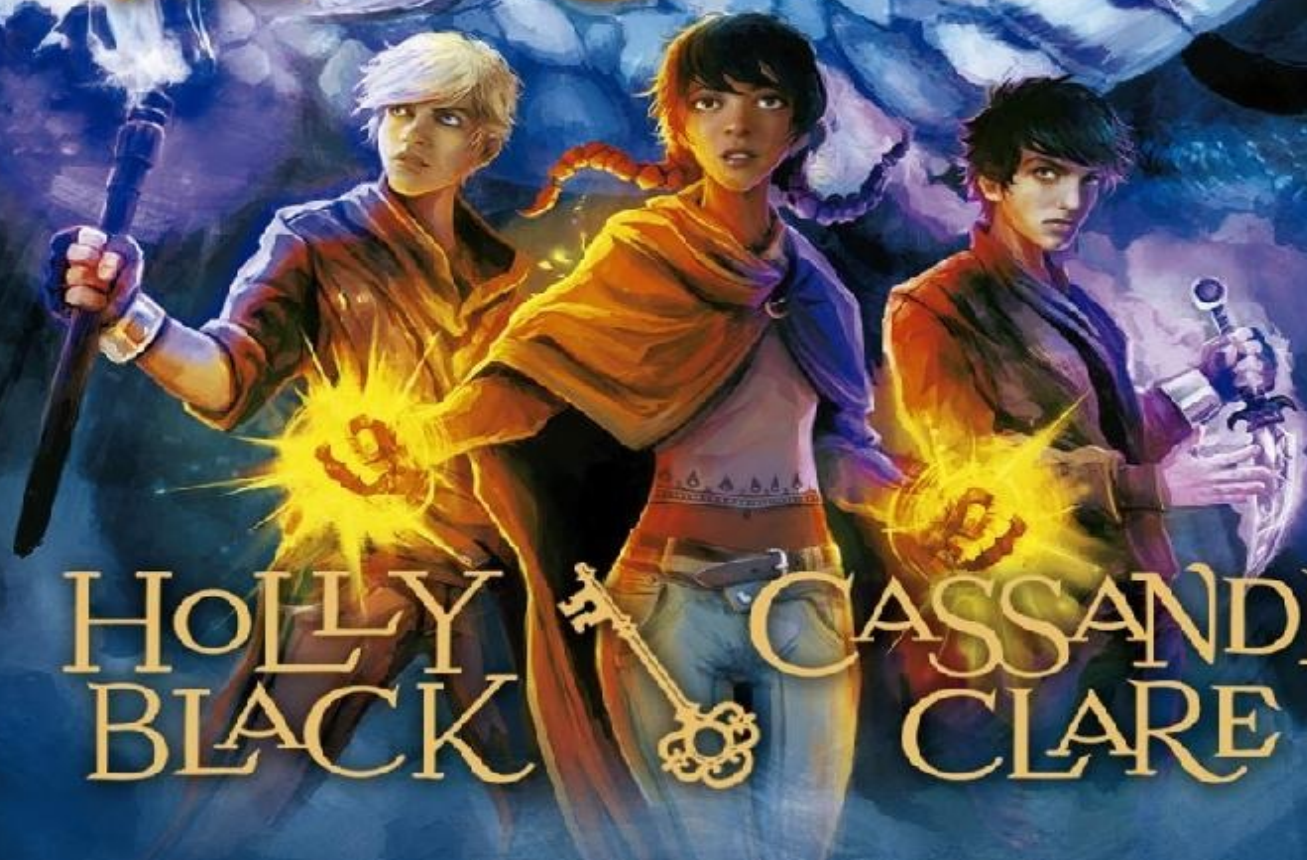


MAGISTERIUM



A CHAVE DE BRONZE



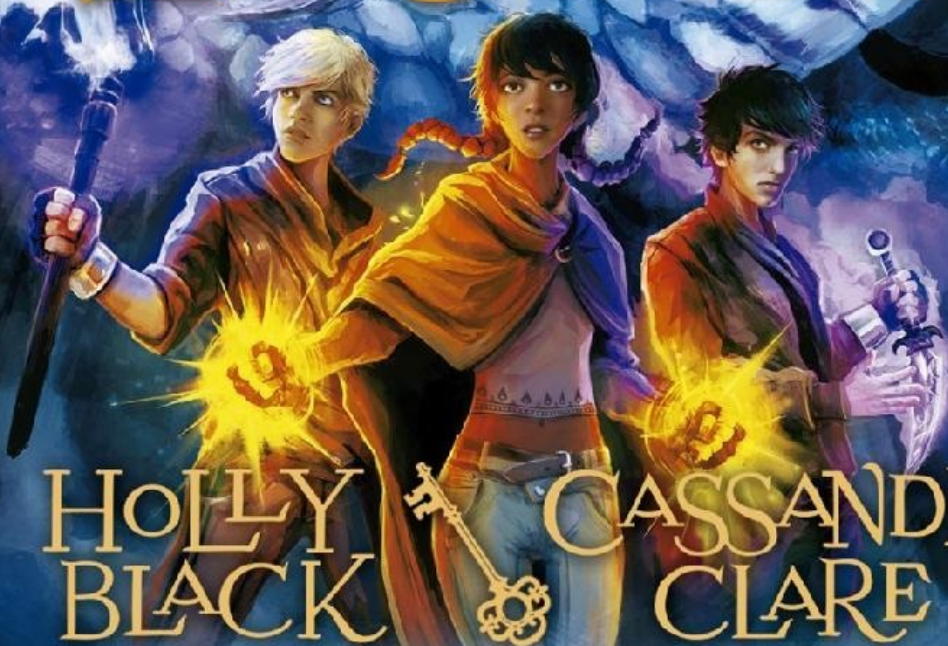
HOLLY
BLACK

CASSANDRA
CLARE

MAGISTERIUM



A CHAVE DE BRONZE



HOLLY
BLACK



CASSANDRA
CLARE

HOLLY BLACK  CASSANDRA CLARE

MAGISTERIUM

A CHAVE DE
BRONZE

Tradução
Rita Sussekind

1ª edição

GALERA
junior
RIO DE JANEIRO
2016

B562c

Black, Holly A chave de bronze [recurso eletrônico] / Holly Black, Cassandra Clare; tradução Rita Sussekind. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Record, 2016.

(Magisterium; 3) Tradução de: The bronze key Formato: epub Requisitos do sistema: adobe digital editions Modo de acesso: world wide web ISBN 978-85-01-07736-3 (recurso eletrônico) 1. Ficção juvenil americana. I. Clare, Cassandra. II. Sussekind, Rita. III. Título. IV. Série.

16-36513

CDD: 028.5

CDU: 087.5

Título original: The Bronze Key Copyright © 2016 by Holy Black and Cassandra Clare LLC

Publicado mediante acordo com as autoras e Baror International, INC., Armonk New York, USA.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios. Os direitos morais da autora foram assegurados.

Editoração eletrônica da versão impressa: Abreu's System Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.



EDITORA AFILIADA

Impresso no Brasil

ISBN 978-85-01-07736-3

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se no site www.record.com.br e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas

promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor: mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

Para Jonah Lowell Churchill,
que pode ser o gêmeo do mal.





CAPÍTULO UM

Call fez alguns ajustes finais no robô pouco antes de enviá-lo ao “anel” – um pedaço do chão da garagem demarcado com giz azul. Ele considerava aquela a zona de luta dos robôs que ele e Aaron construirão! com muito esforço usando peças de carro, magia metálica e muita Silver Tape. Naquele chão ensopado de gasolina, um dos robôs seria tragicamente reduzido a pedacinhos, e o outro sairia vitorioso. Um se ergueria, enquanto o outro sucumbiria! Um...

O robô de Aaron avançou fazendo barulho. Um dos bracinhos disparou, oscilou 4 decapitou o robô de Call. Foscas riscaram o ar. — Não é justo! — gritou Call.

Aaron riu. Ele estava com uma mancha de sujeira na bochecha e parte do cabelo ficou arrepiada depois que passou as mãos na cabeça, frustrado. O calor Implacável da Carolina do Norte o havia deixado com o nariz queimado de sol e as bochechas sardentas. Ele não se parecia em nada com o Makar elegante que havia passado o último verão em festas nos jardins, conversando com adultos chatos e importantes.

— Acho que construo robôs melhor do que você — disse Aaron em tom despreocupado.

— Ah, é? — retrucou Call, voltando se concentrar. Seu robô começou a se mover, lentamente no início, depois mais depressa à medida que a magia metálica reanimava seu corpo decapitado. — Toma essa.

O robô de Call levantou um braço e o fogo que lançou foi como água saindo de uma mangueira. A labareda atingiu o robô de Aaron, cujo corpo começou a esfumaçar. Aaron tentou invocar a magia da água para extingui-la, mas era tarde demais — o Silver Tape estava em chamas. Seu robô desabou em uma pilha de peças fumegantes.

— Yay! — gritou Call, que nunca seguiu os conselhos de seu pai sobre ser um vencedor humilde. Devastação, o lobo Dominado pelo Caos de Call, acordou de repente quando uma faísca caiu em seu pelo. Começou a latir.

— Ei! — gritou Alastair, o pai de Call, correndo para fora da casa e olhando em volta com olhos ligeiramente arregalados. — Nada de lutas tão perto do meu carro! Eu acabei de consertar esse troço!

Apesar da bronca, Call sentia-se relaxado. Ele tinha passado praticamente as férias inteiras assim, relaxado. Tinha até parado de se atribuir pontos na escala de Suserano do Mal. Até onde o mundo sabia, o Inimigo da Morte, Constantine Madden, estava morto, derrotado por Alastair. Só Aaron, Tamara, o falso amigo Jasper DeWinter e o pai de Call sabiam a verdade — que Call era Constantine Madden renascido, mas sem suas lembranças, e, com sorte, sem sua inclinação para o mal.

Considerando que o mundo achava que Constantine estava morto e os amigos de Call não se importavam, Call estava seguro. Aaron, apesar de ser Makar, podia voltar a brincar com ele. Os dois voltariam ao Magisterium em breve, e desta vez seriam alunos do Ano de Bronze, o que significava que mexeriam com magias bem legais — feitiços de luta e feitiços de voo.

Tudo estava melhor. Tudo estava ótimo.

Além disso, o robô de Aaron estava destruído e soltando fumaça.

De verdade, era difícil para Call imaginar como as coisas poderiam ficar melhores.

— Espero que estejam lembrados — disse Alastair. — Hoje é a festa no Magisterium. Vocês sabem, a que vai nos homenagear.

Aaron e Call se olharam, horrorizados. Tinham se esquecido, é claro. Os últimos dias se passaram em um borrão de skate, sorvete, filmes e videogame, e ambos tinham apagado completamente o fato de que a Assembléia daria uma festa da vitória na escola, reconhecendo que o Inimigo da Morte tinha sido

derrotado após treze longos anos de guerra fria.

A Assembléia tinha escolhido cinco pessoas para homenagear: Call, Aaron, Tamara, Jasper e Alastair. Call tinha ficado surpreso por Alastair ter concordado em ir — ele odiava mágica, o Magisterium, e tudo que tinha a ver com magos desde que Call se entendia por gente. Call desconfiava que Alastair tivesse concordado por querer ver a Assembléia aplaudindo Call e concordando em unísono que ele era um garoto do bem. Que ele era um herói.

Call engoliu em seco, nervoso de repente.

— Não tenho o que vestir — disse em tom de objeção.

— Nem eu. — Aaron parecia espantado.

— Mas a família da Tamara não comprou todas aquelas roupas chiques no ano passado? — perguntou Call.

Os pais de Tamara ficaram tão animados com a ideia de a filha ser amiga de um Makar — um dos raros magos capazes de controlar a magia do caos — que praticamente adotaram Aaron, levando-o para casa e gastando dinheiro com cortes de cabelo caros, roupas e festas.

Call ainda não conseguia entender por que Aaron tinha resolvido passar as férias com ele, e não com os Rajavi, mas Aaron foi muito firme em relação a isso.

— Nada mais está cabendo — Aaron respondeu. — Só tenho calças jeans e camisetas.

— Então iremos ao shopping — disse Alastair, mostrando as chaves do carro. — Vamos, meninos.

— Os pais da Tamara me levaram na Brooks Brothers — disse Aaron enquanto caminhavam para a coleção de carros reformados de Alastair. — Foi meio estranho.

Call pensou no pequeno shopping local e sorriu.

— Bem, se prepare para outro tipo de coisa estranha — falou. — Vamos voltar no tempo, só que sem magia.



— Acho que eu talvez seja alérgico a esse tecido — disse Aaron, em frente a

um espelho nos fundos da JL Dimes. Vendiam tudo na loja: tratores, roupas, lava-louças baratos. Alastair sempre comprava seus macacões de trabalho aqui. Call detestava.

— Ficou bom — disse Alastair, que tinha pegado um aspirador de pó em algum momento enquanto passeavam pela loja, e o estava examinando, provavelmente interessado nas peças. Ele também tinha escolhido um paletó para si, mas ainda não tinha experimentado.

Aaron deu mais uma olhada no temo cinza de tecido preocupantemente lustroso. A calça estava larga na altura dos calcanhares, e as lapelas lembravam barbatanas de tubarões.

— Muito bem — disse Aaron com suavidade, sempre muito consciente de que tudo comprado para ele era um favor. Ele sabia que não tinha dinheiro e nem pais para tal, portanto era sempre grato.

Tanto Aaron quanto Call perderam suas mães. O pai de Aaron estava vivo, mas preso, coisa que Aaron não gostava que as pessoas soubessem. Call não achava que isso fosse algo muito sério, provavelmente porque o segredo que ele mesmo guardava era muito maior.

— Não sei, pai — disse Call, semicerrando os olhos para o espelho. O paletó que vestia era de poliéster azul-escuro e estava justo demais embaixo dos braços. — Acho que os tamanhos não estão certos.

Alastair suspirou.

— Um temo é um temo. Aaron vai crescer e caber no dele. E o seu, bem... Talvez devesse experimentar outra coisa. Não adianta comprar uma coisa que só vai servir para uma única noite.

— Vou tirar uma foto — Call disse, pegando o celular. — Tamara pode ajudar a escolher. Ela sabe como se vestir para eventos chiques de magos.

O celular emitiu um som de vento quando Call enviou a foto para Tamara. Alguns segundos depois ela respondeu: Aaron parece um vigarista que passou por um raio encolhedor, e você parece aluno de Collegium católico.

Aaron olhou para as ombreiras no paletó de Call e fez uma careta para a mensagem.

— Então? — perguntou Alastair. — Podemos colocar fita adesiva na barra

da calça. Para ficar do tamanho certo.

— Ou — disse Call — podemos ir a outra loja e não passar vergonha na frente da Assembléia.

Alastair olhou de Call para Aaron e, depois de um suspiro, cedeu e deixou o aspirador de pó de lado.

— Ok. Vamos.

Foi um alívio sair daquele shopping superaquecido e abafado. Após um rápido trajeto de carro, Call e Aaron estavam diante de um brechó que vendia todo tipo de peças vintage, desde capachos a cômodas e máquinas de costura. Call tinha estado ali antes com o pai e se lembrava de que a dona, Miranda Keyes, adorava roupas antigas. Estava sempre vestindo alguma peça do tipo, sem dar muita importância à combinação de cores e estilos, o que significava que frequentemente era vista andando por aí com uma saia poodle, botas compridas e brilhantes e uma blusa curta de lantejoulas com uma estampa de gatos mal-humorados.

Mas Aaron não sabia disso. Ele estava olhando ao redor da loja, sorrindo com hesitação, e isso fez o coração de Call afundar. Seria ainda pior que na JL Dimes. O que começou como uma coisa engraçada agora estava começando a deixar Call nauseado. Ele sabia que seu pai era “excêntrico” — o que é uma forma gentil de dizer “esquisito” — e nunca se incomodou com isso, mas não era justo que Aaron tivesse que parecer “excêntrico” também. E se Miranda só tivesse smokings de veludo vermelho ou coisa pior?

Já era ruim o bastante que Aaron tivesse que passar o verão tomando limonada em pó em vez de feita com limões frescos, como na casa de Tamara; dormindo em um catre militar que Alastair tinha montado no quarto de Call; correndo por um jardim onde a irrigação do gramado era feita por uma mangueira com furinhos em vez de sprinkler; e comendo cereal comum no café da manhã, em veza de ovos preparados a seu gosto por um chef. Se Aaron chegasse na testa parecendo um bobo, talvez fosse a gota d’água. Call talvez perdesse a Guerra de Melhor Amigo de vez.

Alastair saiu do carro. Call seguiu o pai e Aaron para dentro, com um mau pressentimento.

Os ternos ficavam no fundo da loja, atrás das mesas com instrumentos musicais de bronze esquisitos e um bowl feito em jade cheio de chaves

enferrujadas. Era bem parecida com a loja do próprio Alastair, Agora e Sempre. A única diferença era o teto, que ali era cheio de casacos de pele e cachecóis de seda enquanto a loja de Alastair era especializada em antiguidades mais industriais. Miranda veio dos fundos e conversou com Alastair por alguns minutos sobre o que tinha trazido de Brimfield — uma enorme feira de antiguidades no norte — e quem tinha encontrado lá. O pavor de Call aumentou.

Finalmente, Alastair conseguiu dizer a ela o que precisavam. Ela analisou cada um dos meninos com um olhar firme, como se estivesse observando através deles e enxergando outra coisa. Fez o mesmo com Alastair até que, estreitando os olhos, voltou a desaparecer nos fundos da loja.

Aaron e Call se distraíram vagando pelo local, procurando pelo objeto mais estranho. Aaron tinha achado um despertador em formato de Batman que dizia "ACORDE, GAROTO PRODÍGIO" ao ser pressionado no topo, e Call tinha desenterrado um casaco feito de pirulitos presos e colados um no outro quando Miranda ressurgiu, cantarolando, com uma pilha de roupas que empilhou no balcão.

A primeira coisa que puxou foi um paletó para Alastair. Parecia feito de cetim com uma estampa sutil em verde-escuro e forro de seda brilhante. Era definitivamente velho e estranho, mas de um jeito não constrangedor.

— Agora — disse ela apontando para Call e Aaron — é a vez de vocês.

Entregou a cada um deles um temo de linho dobrado. O de Aaron era creme e o de Call, cinza.

— Da cor dos seus olhos, Call — disse Miranda, satisfeita consigo mesma, enquanto Call e Aaron vestiam os temos por cima das bermudas e camisetas. Ela bateu as mãos e gesticulou para que se olhassem no espelho.

Call encarou o próprio reflexo. Ele não entendia muito de moda, mas o temo cabia e ele não estava bizarro. Na verdade parecia até um pouco adulto. Aaron também. As cores claras deixavam ambos parecendo bronzeados.

— São para alguma ocasião especial? — perguntou Miranda.

— Pode-se dizer que sim — disse Alastair, parecendo satisfeito. — Os dois vão receber prêmios.

— Por, hum, serviços comunitários — disse Aaron, encontrando os olhos de

Call pelo espelho. Call supôs que fosse parcialmente mentira, apesar de a maioria dos serviços comunitários não envolver cabeças decapitadas.

— Fantástico! — disse Miranda. — Os dois estão muito bonitos.

Bonitos. Call nunca pensou isso a respeito de si. Aaron era o bonito. Call era o baixinho, manco e com feições muito marcantes e intensas. Mas ele supunha que vendedoras tinham que dizer ao cliente que ele estava bonito. Por capricho, Call pegou o celular, tirou foto dos reflexos dele e de Aaron e mandou para Tamara.

Um minuto depois veio a resposta. Legal. Em anexo veio um videozinho de alguém caindo da cadeira, surpreso. Call não conseguiu segurar o riso.

— Eles precisam de mais alguma coisa? — perguntou Alastair. — Sapatos, abotoaduras... qualquer coisa?

— Bem, camisas, obviamente — disse Miranda. — Tenho belas gravatas...

— Não preciso que compre mais nada para mim, senhor Hunt — disse Aaron, parecendo ansioso. — De verdade.

— Ah, não se preocupe com isso — respondeu Alastair com um tom de voz surpreendentemente leve. — Eu e Miranda estamos no mesmo ramo. Chegaremos a um acordo.

Call olhou para Miranda, e a viu sorrindo.

— Fiquei de olho em um broche vitoriano que vi na sua loja.

Ao ouvir isso, Alastair enrijeceu um pouco a expressão em seu rosto, mas quase imediatamente depois relaxou e riu.

— Bem, se for pelo broche, definitivamente vamos levar as abotoaduras. E sapatos também, se você tiver.

Quando saíram, estavam com sacolas enormes cheias de roupas, e 11 estava se sentindo muito bem. Eles voltaram para casa com o horário apertado para tomar banho e pentear o cabelo. Alastair saiu do quarto fedendo a algum perfume velho, e parecendo mal-humorado com seu novo paletó e uma calça que provavelmente encontrou no fundo do armário. Murmurando, começou imediatamente a procurar as chaves do carro. Call mal conseguia reconhecê-lo como o mesmo pai que trabalhava em casa vestindo camisa de lã e macacão jeans, o pai que tinha passado as férias ajudando os dois a fazer robôs com

peças sobressalentes.

Ele parecia um estranho e isso fez com que Call começasse a pensar no que estava prestes a acontecer.

Call tinha passado as férias inteiras sentindo-se muito convencido pelo falecimento do Inimigo da Morte. Morto havia anos, conservado em um túmulo esquisito a ponto de dar medo, Constantine Madden esperava para ter sua alma devolvida ao corpo. Mas, como ninguém sabia disso, todo o mundo dos magos esperava que Constantine reiniciasse a Terceira Guerra dos Magos. Quando Callum levou a cabeça decapitada do Inimigo para o Magisterium, prova de que ele estava incontestavelmente morto, todo o mundo dos magos suspirou de alívio.

O que eles não sabiam era que a alma de Constantine ainda vivia — em Call. Esta noite o mundo dos magos homenagearia o Inimigo da Morte em pessoa.

Apesar de Call não ter qualquer desejo de machucar ninguém, a ameaça de uma Terceira Guerra dos Magos estava longe do fim. O substituto imediato de Constantine, Mestre Joseph, tinha o controle do exército Dominado pelo Caos do falecido. E detinha também o poderoso Alkahest, capaz de destruir dominadores do caos, como Aaron — e Call. Se Mestre Joseph se cansasse de esperar que Call debandasse para o seu lado, talvez atacasse por conta própria.

Call se apoiou na mesa da cozinha. Devastação, que estava dormindo embaixo dela, ergueu a cabeça com olhos perturbadoramente reluzentes, como se pudesse sentir a inquietação de Call.

Isso deveria ter feito com que se sentisse melhor, mas na verdade o deixou até um pouco pior.

Ele quase conseguia ouvir a voz de Mestre Joseph: muito bem, você fez todo o mundo dos magos baixar a guarda, Call. Não consegue fugir da sua própria natureza.

Ele afastou o pensamento com determinação. Tinha se empenhado durante as férias para não prestar atenção em si mesmo em busca de sinais de que talvez estivesse ficando malvado. Passou todo aquele período dizendo a si mesmo que era Callum Hunt, filho de Alastair Hunt, e que não cometeria os mesmos erros de Constantine Madden. Ele era uma pessoa diferente. Era mesmo.

Alguns minutos depois, Aaron saiu do quarto de Call, elegante em seu temo

creme. O cabelo louro estava penteado para trás e até as abotoaduras brilhavam. Parecia tão feliz como quando vestia os ternos de grife presenteados pela família de Tamara.

Ou pelo menos parecia feliz até ver Call e hesitar.

— Tudo bem? — perguntou Aaron. — Você parece um pouco enjoado. Você não é do tipo que tem pânico de subir no palco, né?

— Talvez — disse Call. — Não estou acostumado a pessoas me olhando muito. Quer dizer, as pessoas me olham por causa das minhas pernas às vezes, mas não é uma olhada boa.

— Tente pensar nisso como a cena final de Star Wars quando todo mundo está comemorando e a Princesa Leia coloca medalhas no Han e no Luke.

Call ergueu uma das sobrancelhas.

— Quem é a Princesa Leia nesse cenário? O Mestre Rufus?

Mestre Rufus era o professor do grupo de aprendizes no Magisterium. Era um sujeito rígido e sábio, todo enrugado, e tinha bem mais cabelo grisalho do que a Princesa Leia.

— Depois da cerimônia — disse Aaron —, ele vai vestir o biquíni dourado.

Devastação latiu. Alastair ergueu as chaves do carro, triunfante.

— Ajudaria se eu promettesse a vocês que a noite vai ser chata e tediosa? Em teoria, essa festa é para nos homenagear, mas garanto que, em essência, é para a Assembléia parabenizar a ela mesma.

— Parece que você já foi a alguma dessas antes — disse Call, desencostando-se da mesa. Parecendo ansioso, passou a mão pelo paletó para alisá-lo; linho é um tecido que enruga rápido. Mal podia esperar para voltar a usar jeans e camiseta.

— Você viu a pulseira que Constantine usava quando estudávamos juntos no Magisterium — disse Alastair. — Ele ganhou muitos prêmios e distinções. Todo o nosso grupo de aprendizes ganhou.

Call tinha visto a pulseira, era verdade. Alastair a enviara ao Mestre Rufus no ano em que Call estava no Magisterium. Todos os alunos recebiam pulseiras de couro e metal: o metal mudava sempre que o aluno iniciava um novo ano escolar, e a pulseira também era ornada com pedras, cada qual representando

uma conquista ou um talento. A de Constantine tinha uma quantidade de pedras que Call jamais havia visto.

Call esticou-se para tocar sua própria. Ainda mostrava o metal de um aluno Cobre do segundo ano. Assim como a de Aaron, a dele brilhava com a pedra preta do Makar. Os olhos de Call encontraram os de Aaron quando ele abaixou a mão, e deu para perceber que o amigo sabia o que ele estava pensando — aqui estava ele, Call, recebendo um prêmio, sendo homenageado por fazer o bem, e ainda assim isso o fazia igual a Constantine Madden.

Alastair balançou as chaves do carro, despertando Call do devaneio.

— Vamos — disse Alastair. — A Assembléia não gosta quando os homenageados se atrasam.

Devastação os acompanhou até a porta, depois sentou ruidosamente e soltou um ganido fino.

— Ele pode ir? — perguntou Call ao passarem pela porta. — Ele vai se comportar. E ele também merece um prêmio.

— De jeito nenhum — disse Alastair.

— É porque você não confia nele perto da Assembléia? — perguntou Call, embora não tivesse certeza de querer ouvir a resposta.

E porque não confio na Assembléia perto dele — respondeu Alastair com um olhar firme. Depois saiu, deixando Call sem escolha além de segui-lo.



CAPÍTULO DOIS

O Collegium, como o Magisterium, era construído de forma a ser escondido de quem não era mago. Ficava sob o litoral da Virgínia, os corredores descenda em espiral sob a água. Call já tinha ouvido falar a respeito da localização, mas mesmo assim não estava preparado para Alastair pará-lo enquanto caminhavam sobre um píer e apontar para uma grade no chão, parcialmente escondida sob folhas e sujeira.

— Se colocarem a orelha perto dela, quase sempre dá para ouvir uma palestra incrivelmente chata. Mas hoje talvez escutem música. — Apesar de não ser um discurso particularmente elogioso ao Collegium, Alastair falou aquilo com certo saudosismo. — Mas você nunca frequentou esse lugar, certo? — perguntou Call.

— Não como aluno — respondeu ele. — Houve toda uma geração de nós que basicamente não o fez. Estávamos ocupados demais morrendo na guerra.

Às vezes Call pensava, impiedosamente, que todos deveriam ter deixado Constantine Madden quieto. Ele tinha feito experimentos terríveis, é claro, inserindo o caos nas almas de animais e criando os Dominados pelo Caos. Ele tinha reanimado os mortos, é claro, procurando uma maneira de reverter a morte e trazer seu irmão de volta. Ele estava transgredindo a lei dos magos, é claro. Mas talvez se todos o tivessem deixado em paz, muitos ainda estivessem vivos. A mãe de Call ainda estaria viva.

O verdadeiro Call também estaria, Call não pôde deixar de pensar.

Mas como não podia falar nada a respeito disso, então não disse nada a respeito de nada. Aaron estava olhando as ondas ao sol poente. Ter Aaron em casa durante as férias de verão foi como ter um irmão, uma pessoa com quem fazer piadas, alguém que estava sempre ali para assistir um filme ou destruir robôs. Mas à medida que vieram percorrendo o caminho até o Collegium, Aaron foi ficando mais quieto. Quando Alastair parou seu Rolls-Royce Phantom 1937 prateado perto da calçada e eles passaram por uma estátua grande e estranha de Poseidon, Aaron já tinha parado de falar completamente.

— Tudo bem com você? — perguntou Call enquanto caminhavam.

Aaron deu de ombros.

— Não sei. É só que eu estava preparado para ser o Makar. Eu sabia que era perigoso e fiquei assustado, é claro, mas entendia o que tinha que fazer. E quando as pessoas me davam coisas, eu entendia o motivo. Entendia o que eu devia a elas em troca. Mas agora não sei o que significa ser um Makar. Quer dizer, se não há mais guerra contra o Inimigo, isso é ótimo, mas sendo assim, o que eu...

— Chegamos — disse Alastair, parando. Ondas quebravam nas pedras negras, lançando esguichos de água salgada e formando pequenas piscinas com espuma. Call sentiu as gotículas como uma lufada fria em seu rosto.

Ele queria dizer alguma coisa para tranquilizar Aaron, mas o amigo não estava mais olhando em sua direção. Estava franzindo o rosto para um caranguejo apressado. O bicho atravessou uma trança de algas, enrolada em um pedaço de corda velha, as pontas esfarrapadas flutuando na água como o cabelo solto de alguém.

— É seguro? — Foi o que Call perguntou no fim das contas.

— Tão seguro quanto qualquer coisa relacionada a magos — disse Alastair, batendo com o pé no chão em um ritmo rápido e repetitivo. Por um instante nada aconteceu; em seguida veio um som arranhado, e um bloco quadrado de pedra deslizou lateralmente, revelando uma longa escadaria em caracol. Ela espiralava cada vez mais para baixo, como a da biblioteca do Magisterium, a única diferença é que aqui não havia fileiras de livros, apenas degraus e, ao fundo, dava para ver um pedaço quadrado do chão de mármore.

Call engoliu em seco. Qualquer um acharia a caminhada longa, mas para ele, parecia impossível. A perna estaria cheia de câibras antes da metade do

caminho. Se ele tropeçasse, seria uma queda assustadora.

— Hum — disse Call. — Acho que não consigo...

— Pode levitar — disse Aaron quietamente.

— Quê?

— Levitação é magia do ar. Estamos cercados por pedras; terra e pedra. É só empurrar e você vai se erguer. Não precisa voar, só flutuar alguns centímetros acima do chão.

Call olhou para Alastair. Ele ainda era cauteloso em relação a fazer mágica perto do pai, depois de passar tantos anos ouvindo Alastair falar que magia era uma coisa maléfica, que magos eram malvados e que queriam matá-lo. Mas Alastair, olhando para a longa escada, apenas fez que sim com a cabeça brevemente.

— Eu vou na frente — disse Aaron. — Se você cair, eu seguro.

— Ao menos vamos cair juntos. — Call começou a descer, colocando um pé cuidadosamente na frente do outro. Conseguia ouvir o barulho de vozes e de talheres tilintando num ponto bem distante abaixo. Então respirou fundo e se esforçou para tocar a força da terra: alcançá-la e atraí-la para si, depois afastá-la, como se estivesse dentro da água, se distanciando da borda de uma piscina.

Ele sentiu a puxada nos músculos e depois uma leveza quando seu corpo se elevou para o ar. Como Aaron havia instruído, ele não tentou subir mais do que alguns centímetros. Com espaço suficiente apenas para se distanciar dos degraus, Call flutuou para baixo. Apesar de querer dizer a Aaron que não ia cair, era bom saber que se isso acontecesse, alguém estaria preparado para segurá-lo.

Os passos firmes de Alastair também o tranquilizavam. Foram descendo com cuidado, Alastair e Aaron andando e Call flutuando pouco acima dos degraus. A alguns metros do fim da descida, Call foi diminuindo suavemente a altura da flutuação. Então tocou o degrau e tropeçou. Foi Alastair que se esticou para pegá-lo pelo ombro.

— Segura aí — disse ele.

— Estou bem — disse Call com mau humor, e desceu mancando rapidamente os últimos degraus. Seus músculos doíam um pouco, mas nada como a dor que estaria sentindo se tivesse descido a pé. Aaron, que já tinha

chegado ao chão, lançou um sorriso largo para ele.

— Olha só — disse ele. — O Collegium.

— Uau! — Call nunca tinha visto nada parecido. Os ambientes do Magisterium costumavam ser magníficos, e alguns eram mesmo enormes, mas eram sempre cavernas subterrâneas talhadas em pedra natural. Aquilo ali era diferente.

Um grande salão se abria diante deles. As paredes, o chão e as colunas que sustentavam o teto eram todos de mármore branco com pontinhos dourados. Uma tapeçaria com o mapa do Collegium decorava uma das paredes. Um extenso palanque percorria uma das laterais do recinto e havia bandeirinhas multicoloridas por toda a parede atrás dele. Exibiam citações de Paracelso e de outros alquimistas famosos, impressas em letras douradas. Tudo é relacionado, dizia uma. Fogo e terra, ar e água. E tudo uma coisa só, não são quatro, nem duas, nem três, mas uma. Onde não estão juntas, nada mais são do que pedaços incompletos.

Um enorme lustre pendia do teto. Cristais espessos balançavam como lágrimas, lançando luzes em todas as direções sobre a multidão de pessoas — membros da Assembléia com túnicas douradas, Mestres do Magisterium vestidos de preto e todos os demais em seus ternos e vestidos elegantes.

— Chique — disse Alastair, num tom sombrio. — Chique até demais.

— É — disse Call. — O Magisterium é uma pocilga. Eu não fazia ideia.

— Não tem nenhuma janela — disse Aaron, olhando ao redor. — Por que não há janelas?

— Provavelmente porque estamos embaixo d'água — respondeu Call. — A pressão quebraria o vidro, não?

Antes que pudessem continuar com as especulações, o Mestre North, diretor do Magisterium, saiu do meio da multidão e veio até eles.

— Alastair. Aaron. Call. Estão atrasados.

— Trânsito submarino — disse Call.

Aaron o cutucou com o cotovelo.

O Mestre North o olhou com dureza.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A Chave de Bronze"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).